

Resenha

Tertulian e o pensamento ontológico lukacsiano em debate

Tertulian and Lukács' ontological thought in debate

Lucas Souza da Silva¹

TERTULIAN, N. *Lukács e seus contemporâneos*. Trad. Pedro Corgozinho. São Paulo: Perspectiva, 2016.

Por sua força analítica e pelo momento oportuno de sua publicação, caracterizado pelo avanço da divulgação em língua portuguesa da obra madura lukacsiana, *Lukács e seus contemporâneos*, do filósofo romeno Nicolas Tertulian, constitui-se como um ponto marcante nos estudos acerca do filósofo húngaro. Com revisão técnica de Ester Vaisman e Vitor Sartori, a rigorosa tradução efetuada por Pedro Corgozinho – a qual faz justiça ao característico equilíbrio da letra de Tertulian, sua densidade teórico-conceitual e leveza expositiva – amplia o acesso a uma coletânea de artigos imprescindíveis para os estudiosos brasileiros da filosofia lukacsiana e que vem enriquecer uma bibliografia em contínuo crescimento. Compreendido, em larga medida, como o maior especialista e divulgador da filosofia lukacsiana tardia, Tertulian oferece, ao longo dos dez ensaios presentes em *Lukács e seus contemporâneos*, uma rica avaliação de seu projeto ontológico; na medida em que explora as potencialidades, limites e singularidades da ontologia lukacsiana por meio de seu confronto com alguns dos mais fecundos e célebres pensamentos do século passado, presta-lhe uma devida homenagem. Tendo-se em vista o “esquecimento” ao qual foi relegada a reflexão de Lukács formulada na década de 1960, o estratégico debate proposto por Tertulian adquire maior relevância e urgência.

O cerne do esforço de Tertulian consiste, assim, em identificar a especificidade do monumento ontológico lukacsiano, seu retorno a Marx por via ontológica, mas de modo que sua peculiaridade adquira seus devidos contornos no seio dos debates travados pelo filósofo húngaro, tanto no interior do diálogo com a tradição marxista como, inversamente, nas contendas com seus antípodas. Esse empenho em precisar os alicerces do posicionamento de Lukács, elucidar o arcabouço teórico no qual se dá sua apreensão crítica da tessitura do real – contemplando dos princípios categoriais do ser, em sua objetividade e historicidade fundantes, aos diagnósticos específicos à complexidade do metabolismo social no capitalismo manipulatório – pelo exame de sua contraposição a algumas

¹ Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

das tendências mais significativas do século passado, cujas repercussões persistem em nosso tempo, apresenta-se como uma escolha acertada. Com efeito, a especificidade da trajetória lukacsiana imprime maior complexidade ao esforço de Tertulian, na medida em que vida e obra, teoria e práxis se entrelaçam em Lukács, o qual não se subtraiu às tensões e polarizações de seu tempo. Não é possível compreender a filosofia lukacsiana, seu itinerário intelectual, de forma desvincilhada das vicissitudes próprias ao último século. Nesse sentido, parece-nos possível afirmar que subjaz a toda a argumentação contida em *Lukács e seus contemporâneos* uma profunda aspiração a retirar o pensamento de Lukács da condição marginal à qual foi relegado. Esse louvável e grandioso esforço por explicitar a inserção de Lukács nos debates filosóficos de seu tempo, lê-lo, em certa medida, a contrapelo, índice da força e vigor do livro de Tertulian, exprime também os riscos assumidos. Em certos momentos, termos distantes de uma aplicação pacífica são mobilizados na caracterização do pensamento lukacsiano. A afirmação de um caráter sistemático no pensamento tardio lukacsiano², ou ainda a demarcação deste como uma “fenomenologia da subjetividade” (cf. TERTULIAN, 2016, pp. 165; 308) ou uma “ontologia da consciência” ou da “intencionalidade” (TERTULIAN, 2016, pp. 35; 39), não deixam de ser considerações efetivamente discutíveis. Os pontos positivos, no entanto, sobrepõem-se e ressoam a fecundidade do olhar arguto de Tertulian. Embora não seja possível discorrermos de forma pormenorizada acerca dos diversos ensaios que compõem a obra em questão, é válido visualizarmos como o procedimento de Tertulian se afirma no interior destes.

Objeto de dois ensaios, mas se estendendo por aproximadamente um terço de *Lukács e seus contemporâneos*, a análise das possíveis conexões entre as filosofias de Lukács e Heidegger ocupa um espaço privilegiado. Afirmando a vigência de um “jogo sutil de afinidades e repulsões vinculando o pensamento dos dois autores” (2016, p. 297), Tertulian busca extrair pontos de convergência, mas, em especial, os traços decisivos de seu antagonismo. A seguinte questão pode ser ilustrativa de sua abordagem:

Será que podemos nos arriscar a estabelecer uma relação qualquer entre o apelo heideggeriano para acabar com o domínio do ente (*das Seiende*) e se abrir ao Ser (*das Sein*), instituir, então, um “outro Começo” depois de suportado por séculos o reino da “metafísica”, sinônimo, para Heidegger, do “esquecimento do Ser” (*Seinsvergessenheit*), enfim, se libertar da hegemonia do

² Para uma melhor problematização acerca da propriedade de se atribuir um possível caráter sistemático ao projeto ontológico lukacsiano, o que deve levar em conta o teor investigativo da ontologia lukacsiana e seu “arranjo” expositivo, tendo-se também em vista a forma como Lukács retoma categorias clássicas e as interpreta sob a luz do pensamento marxiano em sua historicidade opositiva a princípios lógico-dedutivos, conferir Vaisman (2014).

“espírito da Técnica”, que daria lugar a outra apreensão do Ser, resultado de outro “envio destinal”, e a resposta lukacsiana para as interrogações sobre o destino do gênero humano, que designa as etapas do trajeto que leva do reino da necessidade ao da liberdade, denunciando, com não menos vigor que Heidegger, o domínio da manipulação na vida dos indivíduos, mas que, diferentemente do filósofo alemão, apoia seu diagnóstico e suas soluções numa análise diferenciada do concreto histórico, isto é, numa abordagem categorial do ser social, confiando um papel de primeira ordem à ética, e não à “teologia disfarçada”, que é a mistagogia do Ser? (2016, p. 151)

Em certa medida, nas entrelinhas de sua indagação já está contida a resposta. Um dos méritos de Tertulian é justamente não tergiversar os pontos de contato entre ambos os pensadores do ser, isto é, reconhecer a vigência de questões em comum e a partir destas reconstituir a especificidade de suas respostas. Embora Heidegger compartilhe com Lukács a defesa de uma retomada da ontologia em contraste com a logicização da realidade, típica de correntes como o neopositivismo, bem como proteste contra a manipulação e reificação próprias à sociedade capitalista contemporânea, Tertulian explora o antagonismo a surgir, necessariamente, entre uma ontologia fundamentada na fenomenologia e operando com a disjunção entre ser e ente e uma ontologia criticamente assentada na autonomia ontológica do mundo exterior (TERTULIAN, 2016, pp. 35; 39). Este contraste se evidenciaria no esforço lukacsiano por um pensamento ancorado na imanência do ser, visando a apreender a gênese categorial da sociabilidade humana por meio de sua práxis, algo diametralmente oposto ao procedimento fenomenológico heideggeriano em sua abertura à transcendência³ do Ser. Com efeito, Tertulian tampouco se furta a lançar luz sobre as filiações e interlocutores privilegiados pelos autores em questão, isto é, pensadores como Hartmann, Hegel, Kierkegaard e Althusser adentram a cena no esforço por elucidação das reflexões de Lukács e Heidegger. Temas como a dualidade sujeito-objeto, o estatuto da subjetividade, as categorias modais, a relação entre filosofia e ciência, a caracterização da alienação, ou ainda a apreciação concedida ao idealismo alemão, à metafísica, à dialética, ao humanismo e à relação entre ética e ontologia tornam-se objeto do contraponto entre Lukács e Heidegger levado a cabo por Tertulian.

A partir dessa enredada articulação, na qual se explicitam alicerces filosóficos radicalmente distintos, Tertulian busca reconstituir a crítica

³ Não é possível avançar, nestas breves linhas, sobre o significado da transcendência em Heidegger, mas cabe ressaltar a retomada da tese lukacsiana de uma “teologia sem Deus” em Heidegger, desenvolvida por Tertulian; essa convicção de uma teologia implicitamente presente no pensamento heideggeriano esteve sistematicamente presente nas análises lukacsianas de sua obra (TERTULIAN, 2016, pp. 55; 116-7) .

lukacsiana a Heidegger, especialmente o que seria sua equivocada e mistificante ontologização da inautenticidade, tomada como *condition humaine* e associada à cotidianidade, ao mundo público submetido aos imperativos do impessoal (*das Man*) – esse caldo teórico heideggeriano resultaria na desqualificação da ação coletivamente social, na descrença ante a perspectiva de emancipação humana⁴. Em oposição, Tertulian traz à baila a concretude da análise lukacsiana acerca do processo histórico pelo qual as contradições próprias ao mundo do capital se impõem, com suas reverberações em fenômenos como a reificação e a alienação, e cujo fim é a apreensão das possibilidades inscritas no interior do amplo leque de mediações⁵ próprias à sociabilidade contemporânea. Para o filósofo romeno, esta discrepância na apreensão dos caracteres sociais próprios ao homem exprimiria a profunda distância a separar Heidegger e Lukács, o que, por seu turno, explicita o caráter negativo da resposta à questão posta anteriormente sobre possíveis afinidades eletivas entre ambos. Orientando-se pelo referencial lukacsiano, a crítica contundente de Tertulian a Heidegger demarca o cerne de sua perspectiva: “ao rejeitar pesquisar as mediações dialéticas entre o trabalho da subjetividade e as exigências da objetividade, só lhe resta procurar numa enigmática ‘abertura ao Ser’ a clareira que o *Dasein* projeta no mundo” (2016, p. 55).

Se a análise da relação entre o pensamento de Lukács e Heidegger pode ser compreendida sob o signo de seu antagonismo, Tertulian opera em um registro distinto ao refletir sobre as conexões entre as filosofias de Hartmann e Lukács. O realismo ontológico de Hartmann, sua “ontologia crítica” expressa em obras como *Pensamento teleológico* ou *Filosofia da natureza*, e que lhe conferia uma posição oposta a Heidegger no contexto de retomada da ontologia no século XX, é interpretado como decisivo na consolidação do projeto ontológico lukacsiano. Com efeito, Tertulian assume a arriscada tese de que este projeto teria adquirido contornos programáticos a partir de seu encontro com a obra de Hartmann (TERTULIAN. 2016, p. 185). Embora sublinhe o papel da leitura dos *Manuscritos econômico-filosóficos* na “virada ontológica” lukacsiana⁶, em sua argumentação chega a afirmar que os escritos ontológicos

⁴ Em certa medida, Heidegger compartilharia da equivalência hegeliana entre objetivação e estranhamento, escapando-lhe o amplo processo, ricamente mediado de determinações sociais, pelo qual se constitui a sociabilidade. Uma análise mais detida dessa problemática pode ser conferida em Sartori (2014, pp. 351-74).

⁵ Nos termos de Tertulian: “o esforço teórico de Lukács se volta para a reconstrução da cadeia de mediações que unem a singularidade dos indivíduos através de suas determinações familiares, classistas e nacionais, à realidade do gênero humano” (2016, p. 150).

⁶ As discussões sobre o momento e os desdobramentos da inflexão ontológica lukacsiana todavia permanecem controversos. Em larga medida referenciado no interior da referida discussão, Oldrini acentua o contato com a teoria marxiana da objetividade como dado catalisador da reorientação lukacsiana (cf. OLDRINI, 2009, pp. 135-45).

hartmannianos constituíram “um tipo de revelação” (TERTULIAN. 2016, p. 177) para o filósofo húngaro. Parece-nos necessário ressaltar que creditar a inflexão ontológica lukacsiana tributária do pensamento de Hartmann é um ponto a ser efetivamente demonstrado, o que não nos parece ser o caso no referido artigo. Todavia, a força analítica de Tertulian sobressai e sua caracterização das conexões entre Lukács e Hartmann alcança pontos de convergência fundamentais: a defesa realista da prioridade da objetividade em toda sua heterogeneidade categorial, o esforço por demonstrar o primado da reflexão ontológica no contexto das investigações epistemológicas ou lógicas, a busca por delinear o caráter heterônomo da liberdade, ou ainda a recusa obstinada e contínua a qualquer concessão a princípios teleológicos ou transcendentais na compreensão do real, exprimem o diálogo entre suas ontologias. E um diálogo que, segundo Tertulian, propiciava a Lukács mecanismos conceituais para seu embate com correntes filosóficas como o neopositivismo ou a ontologia heideggeriana. Nesse sentido, o aspecto mais vigoroso do ensaio de Tertulian sobre a relação Lukács-Hartmann talvez esteja em suas reflexões sobre a mobilização conjunta de ambos, enquanto pensamentos da imanência, na contraposição e resistência ao cenário filosófico contemporâneo, plasmado por logicismos, cientificismos e irracionalismos de diversos matizes. A questão posta por Tertulian exprime bem o espírito de sua empreitada:

O pensamento ontológico de Hartmann seria suscetível de encontrar uma atualidade, depois de permanecer oculto por décadas devido à grande audiência de Heidegger? Dito que a empreitada teórica de Lukács, da qual *Para uma ontologia do ser social* repousa sobre vários teoremas fundamentais de Hartmann, ultrapassa o pensamento do último em direção a novos horizontes (sob a inspiração de Marx), será possível estabelecer o pensamento de Lukács no plano da ontologia como a alternativa mais convincente ao pensamento do Ser de Heidegger e, assim, obter o lugar que lhe é de direito na cena filosófica contemporânea? (2016, p. 218)

A relação de Lukács com os escritos hartmannianos foi, em larga medida, tardia, sem tensionamentos mais profundos, embora Lukács tenha dedicado páginas críticas ao que considerava os limites de Hartmann. Por seu turno, o diálogo proposto por Tertulian entre as filosofias de Lukács e Adorno acompanha uma relação caracterizada por confrontos e polêmicas. Visando a identificar os substratos teóricos de tais divergências, Tertulian rastreia nas impressões do jovem Adorno acerca de seu encontro com Lukács, ainda nos anos 1920 e sob o impacto de obras como *A teoria do romance* e *História e consciência de classe*, as raízes dos confrontos posteriores. O desenvolvimento da crítica lukacsiana ao idealismo, a qual assumirá contornos mais nítidos nas décadas seguintes, com a consolidação

do teor ontológico de seu pensamento, já anunciava perspectivas filosóficas que se tornariam irreconciliáveis. Com efeito, Tertulian explora as profundas divergências no estatuto concedido à ontologia, eixo da sua problematização:

Aliados potenciais no combate contra a reificação (sobre este ponto essencial Adorno sempre reconheceu sua dívida para com Lukács), os dois pensadores se separaram no plano filosófico após a orientação de Lukács para um materialismo de caráter *ontológico*, para o qual sua obra final, *Ontologia do ser social*, daria a expressão mais acabada; enquanto isso, Adorno travava um combate obstinado contra a própria ideia de *ontologia*, combate esse que culminou naquilo que seria o antídoto mais poderoso a essa vertente filosófica, a *Dialética negativa*. (2016, p. 237)

Tomando como base esta tensão sobre a possibilidade e capacidade de um pensamento ontológico fazer justiça à complexidade do real, Tertulian conduz sua reflexão problematizando o teor significativamente distinto de suas respostas, assim como suas reverberações no conjunto do pensamento dos dois. Adorno compreenderia a abordagem ontológica, em sua visão um pensamento das origens, como antípoda ao pensar dialético, desconfiando da convicção na autarquia ontológica da realidade, a qual sacrificaria a atividade mediadora da subjetividade no processo histórico. A partir do que compreende como o antifundamentalismo (TERTULIAN. 2016, p. 238) adorniano, Tertulian reflete sobre os impasses deste, identificando na ontologia crítica desenvolvida por Hartmann e Lukács uma alternativa a esta condenação. Sua argumentação reconhece no procedimento ontológico-genético lukacsiano, o qual parte da historicidade própria ao ser, da infinitude categorial inscrita em sua objetividade, a abordagem pela qual Lukács pode avançar na investigação dos fundamentos naturais necessários à compreensão da especificidade própria à dialética sujeito-objeto no ser social. Por meio do reconhecimento da existência objetiva de mediações naturais, em um segundo momento também sociais, a ontologia lukacsiana examinaria o processo de formação e complexificação da subjetividade humana, bem como seu modo próprio de ação, teleológico, em sua intrincada articulação com as redes causais vigentes no real. A possibilidade de constituição de alternativas ao mundo reificado dominante, pondera Tertulian, estaria no discernimento ontológico das tensões próprias à densidade desta sociabilidade; a superação da negatividade, em Lukács, na afirmação de decisões alternativas a partir das possibilidades postas.

A exigência de uma figuração estética implacável, sem concessões, da negatividade do mundo contemporâneo, pode ser compreendida como um dos princípios norteadores das reflexões estéticas de Adorno. Em Lukács, em contrapartida, e este é um dos traços centrais de suas divergências, como

bem assinala Tertulian, a grande obra artística ressoa em sua insurgência em face da negatividade vigente, por meio de sua reafirmação da indestrutibilidade da substância humana, do apontamento à generidade humana em sua universalidade. Este confronto marcante acerca das formas de figuração artística do real⁷ assume contornos mais precisos, especialmente no que se refere a Lukács, em um dos grandes embates no interior da reflexão e prática marxistas sobre a arte, a contenda entre Lukács e Brecht. Ao pôr como objeto de seu ensaio a tentativa de elucidação do referido confronto, Tertulian não opera uma reconstituição passo a passo deste embate, mas, antes, destaca-se pela busca da compreensão deste antagonismo, em todas as suas complexas nuances, situando as concepções estéticas de Lukács e Brecht em diálogo com a integralidade da perspectiva filosófica e política destes. Nesse sentido, há um delicado movimento no qual a reflexão sobre os sentidos da arte e seus desafios no mundo contemporâneo – intimamente entrelaçados com a avaliação do estatuto da arte clássica e, mais precisamente, do drama –, bem como as análises da conjuntura sociopolítica, são investigados como base para o ajuizamento das desavenças e desencontros entre os autores de *Mãe coragem* e *A peculiaridade do estético*, para além de estereótipos e partidarismos. Merece destaque, no interior do amplo leque de considerações proposto por Tertulian, sua problematização da contraposição entre a defesa brechtiana do efeito de distanciamento como forma de constituição e mobilização de um receptor ativo e a postulação lukacsiana da catarse como expressão da ultrapassagem da própria particularidade do espectador, a autoelevação de sua substancialidade à condição de homem inteiro (*der Mensch ganz*); no seio deste contraste, o qual não é apagado, o filósofo romeno explora como ambos buscam extrair da imanência própria à conformação artística as possibilidades de uma desfetichização da realidade a partir daquilo que é mais próprio à arte.

Há, ainda, mais um ensaio de Tertulian que nos parece se inserir em seu esforço por retomar e problematizar confrontos emblemáticos da trajetória lukacsiana. No caso, a relação entre as filosofias de Sartre e Lukács – embora o cerne de sua análise não se detenha nas obras que cristalizaram essa tensão, como *Existencialismo ou marxismo?*, sua argumentação não ignora os confrontos travados, o que pode ser visualizado no questionamento de possíveis reminiscências heideggerianas em Sartre, ou ainda na discussão sobre o escopo ontológico da dialética, sua legitimidade ou não no que tange à natureza. Com efeito, Tertulian opta por formular uma apresentação do pensamento sartriano centrada na *Crítica da razão*

⁷ M. Vedda assinala precisamente como ambos assumem posicionamentos significativamente distintos ante as antinomias próprias ao mundo capitalista contemporâneo, extraindo princípios estéticos conflitantes (cf. VEDDA, 2006, p. 196).

dialética, expressão sintética de sua virada rumo ao marxismo e que é, no mais das vezes, ignorada ou vista como um capítulo menor em sua trajetória⁸. A fina articulação dos princípios basilares da *Crítica da razão dialética*, de seu ponto de partida na práxis individual às formas de reciprocidade em uma existência serializada como a do mundo prático-inerte, sem o olvido das formas possíveis de sua superação nos grupos em fusão, compõe o quadro no qual Tertulian nos apresenta a singularidade da “fenomenologia da vida social” erguida pelo pensador francês. O painel traçado da filosofia sartriana, contudo, é entrelaçado com o objetivo lukacsiano de refundação do marxismo por via ontológica, sobressaindo o empenho de Tertulian em explorar suas potenciais convergências na reavivação do marxismo e no combate à reificação: “dois grandes monumentos erigidos para a glória da intersubjetividade vivente, pois tanto para Sartre quanto para Lukács a indestrutibilidade do ser humano é uma evidência mesmo quando ele vive sob o regime da alienação”⁹ (2016, p. 430).

Chama a atenção, no rol de autores selecionados a compor os debates propostos, a presença de dois ensaios nos quais a obra de Benedetto Croce tem peso decisivo. Embora tenha consagrado, em sua juventude, atenção ao pensamento de Marx, o que resultou na publicação de *A filosofia de Marx*, Croce foi um questionador contínuo da existência de uma filosofia própria ao marxismo. Mas a forma como Tertulian opera a análise de sua obra nos permite entrever a raiz de seus esforços, uma vez que seu objetivo não reside na exegese dos fundamentos da obra crociana, mas em compreendê-la em conexão com o marxismo. Nesse sentido, o ensaio “Gramsci, o anti-Croce e a filosofia de Lukács” toma como ponto de partida um peculiar desafio posto por Gramsci, a constituição de um debate crítico com a obra de Croce, o qual deveria culminar em um Anti-Croce, a conter, simultaneamente, tanto a crítica de seu idealismo e de sua leitura do marxismo quanto a reflexão sobre a potência de sua reelaboração de temáticas caras à filosofia clássica alemã. A letra do próprio Gramsci, utilizada por Tertulian, especifica o cerne da questão enfrentada: “Croce retraduziu em linguagem especulativa as aquisições progressistas da filosofia da práxis, residindo nesta retradução o melhor do seu pensamento.” (GRAMSCI *apud* TERTULIAN, 2016, p. 260) É com tal espírito que o ensaio é conduzido, a saber, sua argumentação

⁸ Merece ser sublinhada a defesa efetuada por Tertulian do caráter marxista da produção madura de Sartre. Embora reconheça discrepâncias entre a reflexão sartriana e a tradição marxista – é elucidativo o peso concedido por Sartre à escassez no processo histórico de constituição da vida social –, o filósofo romeno valora seu percurso, sua evolução na apreensão da entrelaçada imbricação de autonomia e heteronomia nas ações humanas.

⁹ A linha argumentativa proposta por Tertulian mostra-se convergente à perspectiva adotada por I. Mészáros, o qual continuamente buscou explicitar os pontos de contato de seus “projetos sintetizadores” no contexto do fim dos anos 1950 e anos 1960 (cf. MÉSZÁROS, 2012, p. 228).

esforça-se por demonstrar como a filosofia lukacsiana tardia responderia ao desafio gramsciano¹⁰, uma vez que a *Estética* e a *Ontologia* possibilitariam uma réplica marxista aos teoremas filosóficos levados a cabo por Croce. O empenho de Tertulian é, portanto, asseverar como Lukács, a partir do pensamento marxiano, põe como objeto de seus estudos ontológicos o processo de constituição e complexificação das categorias fundamentais da atividade humana, percorrendo analiticamente toda a riqueza presente nas articulações concretas entre os diversos complexos do ser social, e precisando, assim, o espaço e funcionamento próprios aos complexos ideológicos na vida humana.

É interessante notar que dois ensaios assumem uma fisionomia peculiar no interior de *Lukács e seus contemporâneos*. As análises consagradas a Carl Schmitt e Arnold Gehlen, duas figuras proeminentes do pensamento alemão do século XX, não se regem por uma minuciosa confrontação com a reflexão ontológica lukacsiana, tal como visto no exame do confronto Lukács-Heidegger. Próximos à “revolução conservadora” alemã, tendo, inclusive, aderido prontamente ao movimento nazista com a ascensão hitlerista ao poder, em 1933, Gehlen e Schmitt terão seu pensamento avaliado sob esse ângulo. O pano de fundo da argumentação de Tertulian se ancora no questionamento do significado de sua adesão ao nazismo, na possível conexão entre seu assentimento político e o teor próprio à fundamentação de seus projetos filosóficos. Não obstante essa problemática acerca da continuidade ou ruptura de sua produção intelectual, em relação à experiência nazista, possa aparentemente se encontrar distante, o movimento analítico executado por Tertulian nos parece convergir na exata direção dos esforços lukacsianos realizados em *A destruição da razão*. Tendo como premissa a determinação social do pensamento, Tertulian intenciona averiguar as tendências culturais presentes na sociedade alemã da primeira metade do século XX, atentando para a especificidade do irracionalismo de ramificações anticapitalistas no seio do pensamento conservador, o que nos parece fazer justiça à memória de Lukács e seu método investigativo. Vejamos como esse procedimento é desenvolvido a partir da reflexão sobre a trajetória de Gehlen:

Existe uma coerência, uma continuidade nessa atividade filosófica que se estende sobre um período tão longo (mais de meio século) e tão cheio de mudanças profundas? O percurso filosófico de Gehlen guarda os traços de seu engajamento político? Podemos descobrir eventuais conexões entre sua adesão à *Weltanschauung* (visão de mundo) nacional-socialista

¹⁰ Em um registro distinto do operado por Tertulian, no qual o diálogo proposto desenrola-se em torno de Lukács e Croce, C. N. Coutinho propõe a articulação entre a fundamentação ontológica lukacsiana e as formulações gramscianas sobre o complexo social da política, como forma apurada de apreensão das manifestações ideológicas do homem (cf. COUTINHO, 1996, p. 25).

e sua especulação antropológica ou algumas de suas opções filosóficas? (2016, p. 385)

Ao inventariar as teses centrais no pensamento de Gehlen, bem como seus interlocutores privilegiados e referências na tradição, Tertulian busca elucidar o que define como o *principium movens* a conformar o cerne filosófico deste autor, sua crítica à realidade histórica contemporânea, a qual compreendia como sinônimo de “nivelamento espiritual” e “decadência do grande espírito metafísico”. Esse posicionamento autodeclarado como “*Gegenaufklärung*” (contra as Luzes), no qual adquire visibilidade um anticapitalismo em que o simbolismo e os desdobramentos do Iluminismo são combatidos, nutria-se, conforme aponta o filósofo romeno, da primazia concedida por Gehlen ao irracional na experiência humana, sua compreensão da ação como algo fundado na unilateralidade da vontade. Se deslocarmos agora o olhar para a abordagem do pensamento de Schmitt, as semelhanças ressoam. Com efeito, ao buscar os traços norteadores da conformação teórica do notório pensador do *político*, Tertulian esforça-se por extrair da dinâmica própria ao *corpus* teórico schmittiano os contornos nos quais adquirem fisionomia a concepção de história e de sociedade advogada pelo pensador alemão. Essa radiografia do pensamento de Schmitt, se assim podemos expressar, desenrola-se por meio do fino entrelaçamento de pontos cardinais de seu pensamento, como o conservadorismo católico, o antiliberalismo, o antimarxismo, a crítica à modernidade política¹¹, os quais se encontram condensados em sua teologia política – a qual encerra uma inextrincável articulação entre religião e política mediante o recurso a uma fundação metafísica do poder na qual vontade e decisão ocupam papéis centrais. E justamente nesse enraizamento teológico da fundação metafísica de Schmitt, amparada tanto em uma antropologia pessimista quanto em uma concepção da política na qual seu sentido é desvencilhado de condicionantes éticos ou econômicos, assumindo um caráter existencial, Tertulian encontra o cerne da resposta para as questões levantadas.

Efetuada essa breve e limitada reflexão sobre o que nos parece ser o fio condutor pelo qual Tertulian urde seu *Lukács e seus contemporâneos*, cabe saudar uma vez mais sua publicação, necessária tanto aos iniciantes no pensamento lukacsiano quanto aos que pretendem revisitá-lo à luz de seu cotejamento com grandes projetos filosóficos do último século. A avaliação

¹¹ Vejamos um pequeno trecho da análise de Lukács sobre C. Schmitt, em *A destruição da razão*, no qual é denunciada a avaliação de Schmitt dos impactos do liberalismo na fundamentação política alemã: “Desde este ponto de vista, Schmitt contempla agora a história alemã. Em contundente contraposição com Max Weber, vê no nascimento do constitucionalismo, na trajetória parlamentar, a degradação da ‘Alemanha forte.’” (LUKÁCS, 1959, p. 535)

da persistência de sua validade e atualidade passa por este enfrentamento teórico e prático.

Referências bibliográficas

COUTINHO, C. N. “Lukács, a ontologia e a política”. In: ANTUNES, Ricardo; LEÃO REGO, Walquíria L. (Org.). *Lukács, um Galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996, pp. 16-26.

LUKÁCS, G. *El asalto a la razón*. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

_____. *Estética*. La peculiaridad de lo estético. 4 v. Barcelona: Grijalbo, 1967.

_____. *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. *Para uma ontologia do ser social*. 2 v. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. *A obra de Sartre*. Busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012.

OLDRINI, G. *György Lukács e i problemi del marxismo del novecento*. Nápolis: La Città del Sole, 2009.

SARTORI, V. “Apontamentos sobre alienação e ontologia em Lukács e Heidegger”. In: VAISMAN, Ester; VEDDA, Miguel (Org.). *Lukács, estética e ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014, pp. 351-374.

TERTULIAN, N. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. *Lukács e seus contemporâneos*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

VAISMAN, E. “O estatuto da filosofia e o problema das categorias no pensamento tardio de G. Lukács”. In: VAISMAN, E. VEDDA, M. (Orgs.). *Lukács, estética e ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014, pp. 307-326.

VEDDA, M. “Vivencia trágica o plenitud épica: un capítulo del debate Lukács-Adorno”. In: *La sugestión de lo concreto*. Buenos Aires: Gorla, 2006.

Recebido: 15 de janeiro de 2017

Aprovado: 20 de março de 2017